

Antologia Literária - FLIBI - 2015:

A ARTE DE TRANSFORMAR



Deidimar Alves Brissi
(Organizador)

Editora 
PINDORAMA

ANTOLOGIA LITERÁRIA – FLIBI – 2015:
A ARTE DE TRANSFORMAR

**Ficha catalográfica elaborada por
Amanda Martins Moraes CRB-8/8322**

A637

Antologia Literária FLIBI 2015: A Arte de Transformar /
Deidimar Alves Brissi (Organizador). – Birigui: Editora
Pindorama, 2015.

130 p.

ISBN 978-85-69906-00-1

1. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira. I. Título.

869.15



Deidimar Alves Brissi (Organizador)

**ANTOLOGIA LITERÁRIA – FLIBI – 2015:
A ARTE DE TRANSFORMAR**

1ª Edição

Birigui – SP
Editora Pinorama

2015



*Este trabalho está sendo distribuído utilizando uma licença **Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações 4.0 Internacional**. Isto significa que o leitor pode fazer uma cópia para seu uso, mas, não pode modificar ou utilizar para fins comerciais. Os direitos autorais (morais e patrimoniais) pertencem aos autores.*

CRÉDITOS

Produtora Editorial: **Luciene Auxiliadora da Silva Brissi**
Organização capa e diagramação: **Deidimar Alves Brissi**
Imagem capa: **Edvan Ferreira**
Seleção dos textos: **FLIBI 2015 - Secretário de Cultura e Turismo de Birigui**
Ficha Catalográfica: **Amanda Martins Moraes**

FALE CONOSCO

EDITORA PINDORAMA

CNPJ 23.107.557/0001-21

www.editorapindorama.com.br

www.facebook.com/editorapindorama

atendimento@editorapindorama.com.br

SECRETARIA DE CULTURA E TURISMO DE BIRIGUI

R: Siqueira Campos, 362 Bairro: Centro - Fone: (18)3643-6191

http://www.birigui.sp.gov.br/birigui/secretarias/secretarias.php?id_secretaria=16

DEIDIMAR ALVES BRISSI – (ORGANIZADOR)

www.deidimar.com.br

www.deidimar.com.br/blog

www.facebook.com/deidimar.alvesbrissi

deidimar@deidimar.com.br





Rua Silvaes – 1930.

Fonte: Secretaria de Cultura e Turismo de Birigui

APRESENTAÇÃO



Esta obra retrata a espontaneidade e a expressividade original de pessoas e artistas que, através de palavras, apresentam uma visão especial e particular da vida. Os assuntos e gêneros desenvolvidos foram variados pela liberdade necessária quando relacionados à “Arte de Transformar”, proposto como tema para o 2º FLIBI – Festival Literário de Birigui, do qual este *e-book* permeia. O 2º Festival Literário de Birigui – FLIBI, organizado pela Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, contempla ações com o objetivo do envolvimento da comunidade com as diversas linguagens artísticas, promovendo a vivência e a reflexão sobre a relação e a importância da leitura e literatura no processo de empoderamento e

transformação da sociedade. “Com ele poderemos reconhecer a imperiosa necessidade de moldar e internalizar valores, alicerces que não têm preços para compreender a dinâmica dos sentidos e potencializar o poder de transformação dos indivíduos, grupos e organizações dentro da sociedade” (Giovani Aparecido Machado).

Birigui, 17 de outubro de 2015

Lino Marcelo Tonsig

Secretário de Cultura e Turismo de Birigui

A ORGANIZAÇÃO DESTE TRABALHO

Os textos que compõe esta obra foram selecionados pela comissão organizadora do 2º FLIBI (Festival Literário de Birigui).

A Editora Pindorama edita este trabalho como voluntária, para colaborar com o desenvolvimento da cultura do município de Birigui, sem receber nenhum recurso financeiro, arcando com os custos de produção deste *e-book*.

Os autores foram dispostos em ordem alfabética, buscando, sempre que possível colocar foto, minibiografia e links, para colaborar na divulgação dos escritores.

Este trabalho está sendo distribuído em PDF, utilizando uma licença **Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações 4.0 Internacional**. Isto significa que o leitor pode fazer uma cópia para seu uso, inclusive imprimir, mas, não pode modificar ou utilizar para fins comerciais. Os direitos autorais (morais e patrimoniais) pertencem aos autores. A **Editora Pindorama** detêm os direitos de publicação.

Buscando sempre respeitar a livre manifestação das ideias e o estilo de cada escritor, não foram feitas

correções/alterações nos textos. Ficando a redação final de cada texto a cargo dos autores.

Ao longo da leitura deste livro, o leitor irá surpreender-se com a qualidade do material aqui apresentado pelos escritores/artistas de Birigui.

Além das crônicas, contos, artigos e poemas aqui apresentados, destacamos também o maravilhoso trabalho de Edvan Ferreira que nos presenteou com o desenho da capa e a publicação de outros quatro desenhos.

Também é digno de nota o material fotográfico fornecido pela Secretaria de Cultura e Turismo de Birigui, que, ilustra muito bem o processo histórico do desenvolvimento da cidade e **A ARTE DE TRANSFORMAR.**

Quero agradecer a equipe do 2º FLIBI pelo apoio na edição deste livro, em especial ao Lino Marcelo Tonsig (Secretário de Cultura e Turismo de Birigui) e ao Paulo Ricardo Bernardes Lopes (Coordenador de Ações Culturais da Secretária de Cultura e Turismo de Birigui), com os quais trabalhamos mais diretamente.

Quero agradecer também à todos os autores que confiaram à Editora Pindorama seus trabalhos

para que fossem editados e publicados. Sem vocês
não existiria este livro!

Birigui, 17 de outubro de 2015

Prof. Deidimar Alves Brissi

Editor da Editora Pindorama e Organizador da
**Antologia Literária – FLIBI – 2015: A Arte de
Transformar**

EDITORA PINDORAMA

Quando os europeus chegaram ao Brasil, os povos indígenas que habitavam o litoral, chamavam esta terra de Pindorama, que em Tupi-Guarani significava Terra das Palmeiras. Portanto, Pindorama, antes de Terra de Santa Cruz e Terra de Vera Cruz, é o primeiro nome do Brasil.

Há alguns anos quando eu e meu esposo pensamos em criar uma editora para que nós e outros escritores que amam literatura, mas, vivem à margem da “grande mídia” e do mundo dos *business*, tivessem oportunidade de publicar, não tivemos dúvida, o primeiro nome que veio à mente foi **Editora Pindorama**.



Embora já tínhamos lançado dois livros com o nome fantasia Editora Pindorama, na verdade, era edição do autor. O leitor que foi lá na ficha catalográfica verificou isto. Só agora, em 2015, aqui

em Birigui, tivemos a chance de formalizar a editora que está registrada com o CNPJ 23.107.557/0001-21. Portanto, o lançamento da **Antologia Literária – FLIBI – 2015: A Arte de Transformar** marca o início oficial desta editora.

Assim, nós que nos sentimos felizes em estarmos participando do 2º FLIBI, temos nossa alegria redobrada com a oportunidade de estarmos iniciando as atividades desta editora, nesta cidade, que moramos a pouco tempo, mas, já aprendemos a amar e queremos colaborar com o seu desenvolvimento.

Birigui, 17 de outubro de 2015

Luciene Auxiliadora da Silva Brissi

Co-fundadora da Editora Pindorama e Produtora Editorial da **Antologia Literária – FLIBI – 2015: A Arte de Transformar**

“Quem faz um poema
abre uma janela.”

Mario Quintana

SUMÁRIO

Ana Paula Vendrame	18
• Amor.....	19
Camila da Silveira Bracioli	20
• O medo mora no desfecho	21
Claudia Lirânço Rocha	22
• Lu, Lua e Luz.....	23
• Tempos de Criança.....	25
• Uma nova estrela brilha no céu.....	26
Deidimar Alves Brissi	28
• Amor Homeopático.....	29
• Exaltação ao Soneto.....	30
• O amor é assim... ..	31
• Amor Verdadeiro	32
• Explicando uma expressão.....	33
• Problemas modernos.....	34
Edvan Ferreira	36
• Pied Piper	37
• Templo Sagrado.....	38
• Absolute Scientia.....	39
• Anjo.....	40
• Nu Feminino II.....	41
Fernanda Sartori Marques de Bianchi	44
• A cidade do sonho.....	45
• Borboletas, por quê?.....	47
• Mais leve, mais levemente.....	52
• Meu rumo, meu caminho.....	53
• Desabafo.....	55
Juliana Lumy Kikuti	59
• Simplesmente acontece.....	60

Lucas Rinaldini	61
• O Fundamento.....	62
• Quem é culpado?.....	68
Luciene Auxiliadora da Silva Brissi	72
• Bicho Homem.....	73
Lu Mota	76
• A volta.....	77
• Casa comum.....	86
• Caos no rodoviária.....	87
• “Se eu partir”.....	95
• Solidão.....	98
• Teu retrato.....	100
• Eu sou você.....	101
Mauricio Chichineli Junior	111
• O que é humanidade?.....	112
• Como você estará em 10 anos?.....	114
Paulo Ricardo Bernardes Lopes	116
• O espaço do saber em transitoriedade.....	117
Rafael Henrique Bernardes	123
• Poema.....	124
• Fimício.....	125
Renan Luis da Silva Gonçalvez	126
• Sorte das flores.....	127
Tatiane Numata Harada	128
• Natureza.....	129

Ana Paula Vendrame



É estudante do 2º Ano do Ensino Médio da Escola Estadual Professor Stelio Machado Loureiro em Birigui (SP).

Amor

O amor, ah! O amor...

Tem amor de todo o sabor

Amor com dor

Amor com cor

E apenas o amor...

Amor de mãe

Que ama sem ver,

e às vezes sem ter.

O amor da amizade,

que ama com toda lealdade.

Aquele amor de confiança,

o puro como de uma criança,

aquele que não importa a distância.

Existe também o amor da paixão,

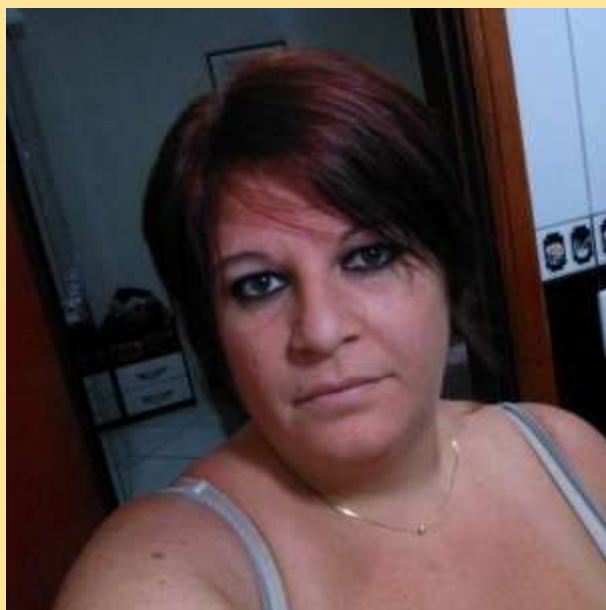
aquele que se ama do fundo do coração.

Enfim, basta confiar

Que são várias formas de amar...

Ah, não tem nem como imaginar!

Camila da Silveira Bracioli



Educadora Infantil, 33 anos, formada em Pedagogia. Apaixonada por artes em qualquer que seja sua forma. Temente a Deus e em busca de muitas respostas, de coisas que ainda não entende!

O medo mora no desfecho

Frase que não entendo:

"Deus ama o pecador, mas não o pecado."

Sim ela tem um sentido verdadeiro.

Mas pergunte o desfecho à quem pronuncia ela.

O desfecho é o seguinte:

Se o pecador continuar pecando, este amor não será suficiente para evitar mandá-lo para o inferno.

É interessante isto, porque dizem que não há nada que eu faça para merecer o céu. E eu concordo. Não é por merecimento, e sim por Graça.

Mas então porque existe algo que eu faça que me torne merecedor do inferno?

Entenda uma vez por todas:

Isto é Graça.

E é por tão aterrorizante Amor incondicional que me sinto livremente levado a não praticar o pecado. Não é mais o medo que me leva a evitar o pecado. Eu não vou mais praticar o pecado por medo do inferno, ou pior, por medo de perder o Amor de Deus (nunca vamos perdê-lo), mas porque sei que em suas palavras existe uma mensagem de vida eterna.

A pessoa que compreende realmente a "constrangedora" Graça nunca vai abusar dela.

Vai amá-la.

Claudia Lirango da Rocha



Nascida na cidade de Birigui.

Funcionária Pública.

Formada em Letras e Cursando Pedagogia.

Ama escrever.

Lu, Lua e Luz.

*Uma pequena homenagem a essa grande Guerreira, que é minha inspiração. Obrigada, **Lu Mota!** Nem que vivesse mil anos, conseguiria agradecer tudo o que fez por mim. **Claudia Lirânço da Rocha.***

Tão pequenina
Entretanto, a todos fascinam.
Com seu jeito de menina
Cabelos Vermelhos
Cor da maçã
Há muito tempo
Sou tua fã
Nordestina, é sim senhor...
Orgulho enorme de gritar ao mundo
Sua origem Sem algum pudor
Paradoxos latentes
Segue sempre em frente
Mãe, Amiga, Guerreira,
Menina, Heroína
É essa pequenina
Sua vida não foi nada fácil
Tantas tragédias e tantos percalços

Algumas tristezas,
Mas nada disso a impediu de desbravar o mundo
Distribuindo abraços
És como A Lua...
Tem fases...
Crescente: é o amor latente
Minguante: às vezes no semblante
Nova: a cada dia escrevendo uma nova história
Cheia: de sentimentos lindos
São tantas as fases dessa nordestina
Que ganhou o mundo cedo
Encarando a vida com imensa valentia
E com tanta maestria
É Luz
Pois pelos caminhos, onde passa.
Tem o poder de clareá-los
Apenas com um olhar
Sua marca registrada talvez seja o sorriso
Que todos contagiam com seu jeito de menina

Tempos de Criança

Alegria...

Correria...

Gritaria...

Tempo de criança...

Quanta esperança...

Aroma do bolo...

Que acabara de sair do forno...

Poças de água...

Na calçada...

Criançada correndo...

Para entrar nela...

Água até a canela...

Decepções...

Ilusões...

Privações...

Que não impediram...

Novas situações...

Que trouxessem de volta a felicidade...

Á aquela menina...

Tão pequenina...

A qual a infância fascina.

Uma nova estrela brilha no céu

Triste saber que fomos privados de Vê-la sorrindo
Não a teremos mais entre nós
E agora, como desataremos esse nó?
Ainda era muito cedo para essa triste partida
Porém são coisas da vida
Temos que aceitar a dor dessa precoce partida
Para nós, a hora não era essa
Entretanto Deus quis sua presença
E a nós resta a dor de sua ausência
Por mais que sabemos que estamos aqui nesse plano
Para cumprir nossa missão
Jamais estaremos prontos para enfrentar essa
situação
E o que nos resta nesse momento é a dor da
separação
Estampada em nosso coração
E quando olharmos para o céu
E vermos um brilho irradiante
Teremos a certeza que és tu guerreira cativante.



Biblioteca Pública Municipal Dr. Nilo Peçanha– 2015.

Fonte: Secretaria de Cultura e Turismo de Birigui

Deidimar Alves Brissi



Nasceu em Cosmorama (SP) no ano de 1972. É casado com Luciene Auxiliadora da Silva Brissi e tem 3 filhos. Licenciou-se em Física pela UNESP de Rio Claro, é Mestre em Física e Astronomia pela Universidade do Vale do Paraíba e atualmente é professor de Física do Instituto Federal, campus de Birigui. Publicou os seguintes livros: **Esperança** (poesia) em 2008 pela editora All Print, **O Sistema Solar** (divulgação científica) em 2009 (edição do autor) e **Em Busca da Felicidade** (poesia) em 2014 (edição do autor). É co-fundador com sua esposa da **Editora Pindorama** e organizador desta obra.

Amor homeopático

Minha vida era triste. Vida sem graça. Vida vazia!
Sem esperança. Eu apenas sobrevivía sem solução.
Mas você chegou, de mansinho, disse que não ardia.
Fez anamnese e diluiu meus medos, sem indicação!

Você começou sem efeitos colaterais no fim do dia.
Quando descobriu meus segredos, fez a dissolução.
E foi dinamizando meu amor como na homeopatia.
Convenceu-me que era similar ao meu, seu coração!

Impôs a mim sua posologia e decidiu o meu caminho.
Doze em doze horas, de seis em seis, para curar a dor.
Disciplinadamente fez minha manipulação todo dia.

Agora é tarde, fiquei hipocondríaco de seu carinho.
Estou dependente deste dominador paregórico amor.
Agora sou só alegria. Você é cura da minha poesia!

Exaltação ao soneto

O mundo tem pressa, por isto os textos estão diminuindo.
As músicas estão ficando rápidas, para não pensar e ouvir.
Palavras esquecidas estão entrando em extinção, sumindo.
Relações têm pressa, superficializadas como melhor convir.

O mundo está cheio de escritores que insultam a palavra.
Já não querem mais escrever, apagar, esperar e corrigir.
Já não querem mais garimpar o verbo e o burilar na lavra.
Escreve-se hoje e publica-se agora, sem tempo para sentir.

Já não importa a palavra, o alexandrino e a concordância.
Diz que é moderno e improvisa-se de qualquer mau jeito.
Dizem que são intelectuais... e quem ainda pensa, obsoleto!

E enquanto ainda no mundo domina os brutos e a ignorância,
Nós aqui, que amamos a palavra bem cuidada, com respeito,
Saldamos o amigo quase fossilizado e esquecido, o soneto!

O amor é assim...

O amor é assim... simples e inexplicável!
Incompreensível para quem não o conhece.
Verdadeiro, infinito e irresponsável,
Mas, essencial a cada dia que amanhece!

O amor é assim... força que nunca desiste
Indestrutível, amigo, ilógico e terno
Paz e felicidade perfeita que existe
Puro e indispensável, franco e eterno!

O amor é assim... irresistível e belo
Inesquecível, continua, nunca diz adeus
Se você compartilha deste sagrado elo
Aproxima-se e entende o amor de Deus

Amor verdadeiro

Entre tantos casais que se espezinham,

Que só convivem e se enganam.

Que não seguem o mesmo caminho,

Só se agridem e reclamam...

Eu sempre lembro com carinho

Como Geraldo e Alceu se amam.

Explicando uma expressão

Uma vaca, um cavalo e um bode sempre se encontravam. A vaca e o cavalo sempre conversavam animadamente, mas, o bode só ficava espiando. Um dia a vaca se tocou e disse estupefata:

- É um “bode expiatório”!





Antigo Fórum, atual Casa de Cultura.

Fonte: Secretaria de Cultura e Turismo de Birigui

Edvan Ferreira

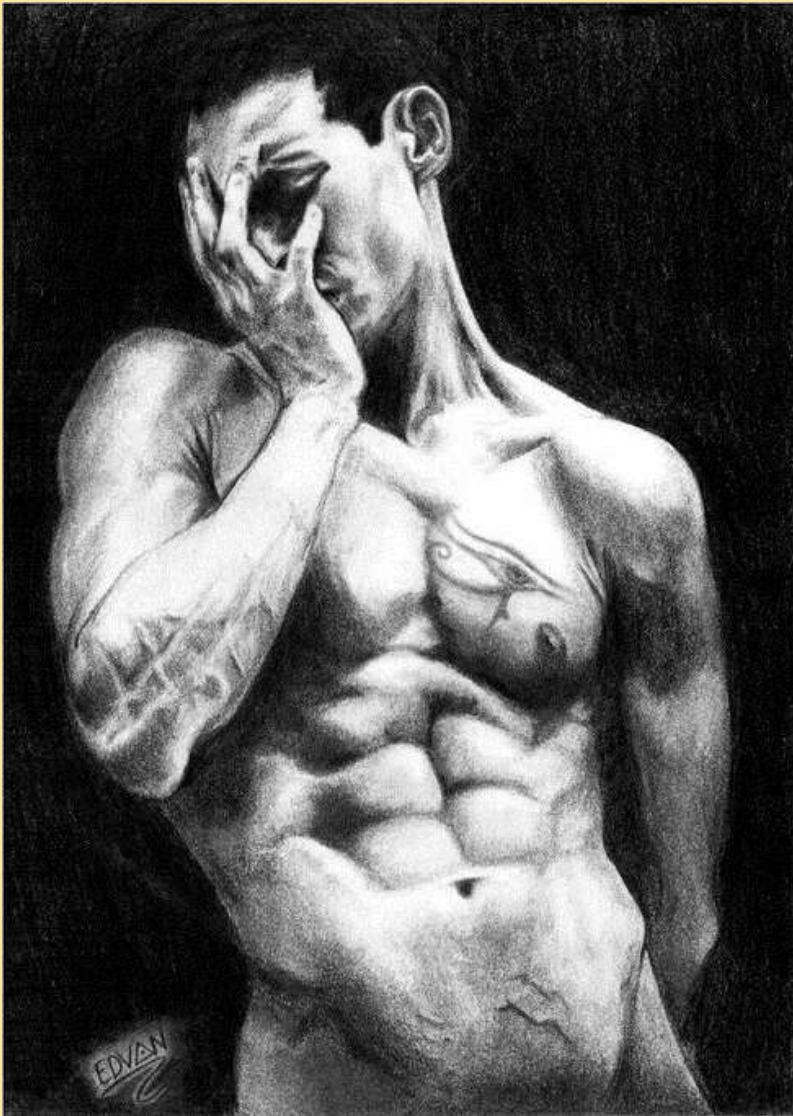


Edvan Ferreira, biriguiense, 25 anos, com aptidão para desenho apresentada já na infância, expõe seus trabalhos em seu blog e nas redes sociais. Na Música atua como flautista na Corporação Musical "Maestro Antônio Passarelli" de Birigui desde 2008 e em outros grupos. Estudante de Licenciatura em Matemática no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Campus Birigui; atualmente se dedica à exploração das conexões entre Arte, Música e Matemática em busca de novas significações.

<http://edvanfmonster.blogspot.com.br/>



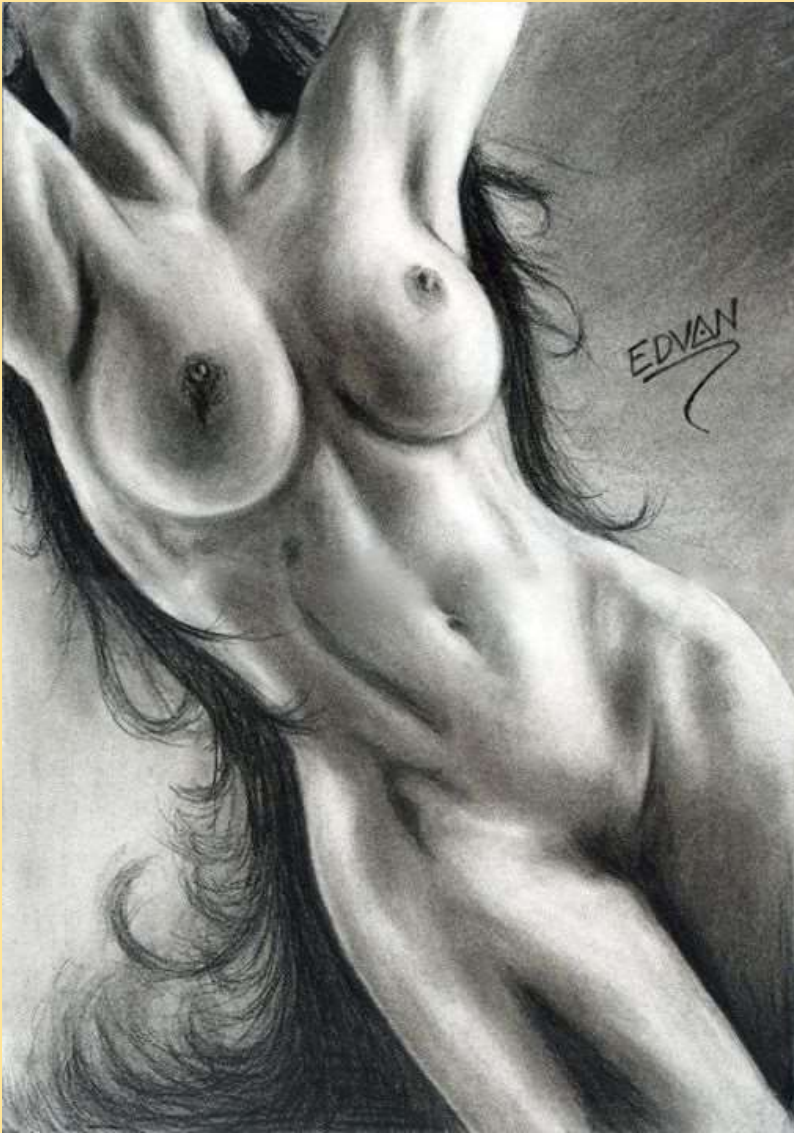
PIED PIPER



*TEMPLO SAGRADO – Papel
Canson – Tamanho A4*



***ANJO – Grafite/Papel Canson -
Tamanho A3***



*NU FEMININO II - Carvão
Vegetal - Tamanho A3*



Birigui Clube (Prédio Claro), atual Associação Comercial de Birigui, década de 1930.

Fonte: Secretaria de Cultura e Turismo de Birigui



*Associação Comercial de Birigui, antigo Birigui Clube
2015.*

Fonte: Secretaria de Cultura e Turismo de Birigui

Fernanda Sartori Marques de Bianchi



Fernanda Marques, Especialista em Psicodrama pelo IRP (cursando - 2016), Pós Graduada em RH e psicologia organizacional pela Unioledo Araçatuba (2011), graduação em Administração pela Faculdade de Ciência e Tecnologia de Birigui (2006). Experiência na área de Administração, com ênfase Recursos Humanos. Consultora em Gestão de Pessoa e palestrante. Autora de artigos publicados no site www.rh.com.br.

A cidade do sonho

Era uma cidade encantada
Tinha sonhos, coisas e pessoas engraçadas
Seus sonhos eram como guarda chuvas, quando estava
sol ficavam fechados e se abriam quando chovia
A chuva não era de água, era de bola de sabão
Quando nevava não chovia porque as bolas de sabão
congelavam nas nuvens de algodão
Quando nevava os sonhos surgiam com grandes luzes
e purpurinas
As paredes dos sonhos eram como paetês, brilhavam
até o amanhecer
Seus jardins tinham muitas flores, todas das mais
lindas cores que quando o sol nascia essas cores se
espalhavam por todos os lados e refletiam a felicidade
de não ser uma cor só.
As arvores eram plantadas e cresciam de um dia pro
outro,
Os pássaros cantavam em poesia com a tranquilidade
da maresia
E tudo era só alegria
Os adultos contavam histórias, as crianças ainda sem
memórias ficavam somente a sonhar

Na hora que a lua nasce o galo mia e o cão relaxa, o
gato faz arte e a moça sai pra dançar

Essa é cidade das luzes, dos sonhos e memórias a
brilhar

Onde a chuva é de bola de sabão e o sol não se cansa
de raiar.

Borboletas, por quê?

Você acredita em Deus? Tem opinião sobre homossexualidade? Já parou para pensar em céu, inferno, pecado, certo, errado, igreja, religião, amor, ódio???

Hoje pela manhã aconteceu um fato um pouco inusitado, após chegar em casa me deparei com uma borboleta voando na garagem parei a moto e a admirei, em um momento de distração ela veio e pousou sutilmente na chave da moto enquanto eu a segurava. Fiquei tão admirada que não me mexi por alguns segundos e peguei o celular delicadamente com a outra mão para registrar esse momento tão singelo, ela fez pose, e subiu na minha mão e voou.

Confesso que fiquei maravilhada com isso, me fez acreditar que é um toque de Deus, que Ele é um Cara carinhoso, então me surgiu uma dúvida que começou a bagunçar a cabeça imediatamente, se Deus realmente é homem. Por que se fosse homem teria pensado em algo tão majestoso como uma borboleta? Como as penas de um pavão? Ou como tantas coisas na natureza se encaixam, está escrito na bíblia que Ele criou o homem a sua imagem e

semelhança, então, pode ser mulher, pode ser gay, pode ser o que quiser.

Aí me vem outra dúvida, se Deus criou o homem e a mulher, por que existem homossexuais? Foi aí que me passaram muitas outras coisas na cabeça, tudo precisa de um equilíbrio, e tudo que existe foi criado por Deus, sendo isso bom ou ruim, e o que define o que é bom ou ruim? Quem escreveu a bíblia foram homens, talvez também mulheres, então, tudo que está escrito pode ter sido uma inspiração de Deus, mas por intermédio da opinião pessoal de quem a escreveu. As leis que existem foram criadas por homens, e esses dizem que Deus deu o livre arbítrio, então, cada um pode agir e pensar como bem entender, independente das leis existentes, claro que agindo fora da lei, você sofre as consequências com as punições que a sociedade criou, ou será julgado pelas leis divinas após sua morte, que também foram interpretadas por homens.

Eu não sei você, mas fiquei confusa com a liberdade de pensar sobre Deus ser o que quiser, sobre os preconceitos quanto a homossexualidade que ainda surgem nos noticiários com manifestações

violentas ou em novelas tentando nos fazer aceitar a situação com mais naturalidade.

Não sei como pensar a respeito, mas não consigo acreditar que ser homossexual seja pecado, conheço e convivo com tantas pessoas homossexuais amorosas, éticas, que agem da forma que a sociedade manda. Uma vez em uma discussão com um amigo homossexual ele perguntou como seria pra mim, se descobrisse que meu filho ou filha fosse homossexual, de fato não sei, não tenho filhos, mas passei a pensar nisso e cheguei a seguinte conclusão, ele não deixaria de ser meu filho ou filha, isso me fez refletir sobre a maneira de educar uma criança hoje, acho que não ensinaria que meninas tem que gostar de bonecas e talvez não daria um jogo de panelinhas à ela, deixaria escolher com que brincar, ou que cor de roupas comprar. Passei a ver o amor de outra forma e não muito convencional. É difícil, mas o preconceito está perdendo espaço dentro daquilo que a sociedade criou em mim.

Fique abismada ao ouvir de uma pessoa que se diz temente a Deus, que preferia ter um filho ladrão à um filho gay, Jesus perdoou uma prostituta, um ladrão, por que uma pessoa homossexual que fez coisas boas

e corretas a vida inteira iria para o inferno, por que gostar de uma pessoa do mesmo sexo define se o ser merece ou não fazer parte da colônia celestial após sua vida na terra sofrendo preconceitos e mesmo assim fazendo o bem?

Não consigo entender esse raciocínio, em algumas coisas acredito que existem opiniões diferentes e a sociedade ainda não evoluiu o suficiente para respeitar o que o outro pensa, sente ou quer para sua vida, ainda noto que há pessoas que sofrem com opiniões diferentes, cometem assassinatos brutais por levarem a sério suas ideias e muitos ainda morrem por pensar ou ser diferente daquilo que outros acreditam, como nos ataques que vem acontecendo em todos os cantos do mundo por uma imagem satirizada de Deus, ou por pessoas de diferentes crenças, ou por sexualidade, por ciúmes e afins.

Bom, depois de tantas confusões na minha cabeça, cheguei à conclusão que isso tudo sempre vai existir, borboletas, pecado, Deus, homossexuais e cada um pode pensar o que bem quiser sobre cada uma dessas coisas, mas o que ficou de mais profundo nessas indagações é que quando eu tiver filhos não vou ensina-los a ver Deus como homem ou mulher, não

vou ensinar que ser homossexual é pecado, nem que pessoas com opiniões diferentes da nossa estão erradas. Vou ensinar a acreditar, desacreditar, buscar o que eles realmente querem para serem felizes e amar, homem ou mulher, isso não importa, amar o que quiserem também para serem felizes efetivamente, vivendo e praticando coisas que não prejudiquem outras pessoas e nem a si mesmo, porque afinal somos imagem e semelhança de Deus e acho que Ele quer que cuidemos bem de tudo o que criou, independente da forma de amor que escolhemos para viver afetivamente.

Que as borboletas pousem na sua cabeça como essa que pousou hoje na minha mão e me fez refletir confusamente sobre tantas coisas me dando essa sensação de compreensão do próximo e esse forte amor que senti pela vida, pelo livre arbítrio e essa liberdade em expressar isso.

Mais leve, mais levemente.

Feche a porta do quarto
Me deixe aqui eu quero sonhar
Só não feche as janelas
É para o sonho sair e voar

Hoje não quero compromisso
Hoje só quero ser feliz,
Não há nada que me impeça,
Vou fazer o que sempre quis,

Eu vou caminhar lá fora, embaixo de uma árvore sentar,
Talvez ficar numa boa ou ficar de papo pro ar.
Não vou levar a vida tão a sério, nesses dias tão vazios,
Quero somente sentir o gosto de viver,
Não quero mais sentir o coração frio.

Me dê sua mão, a chuva começou vamos dançar,
Vamos pisar descalço nas poças e jogar água pro ar.
Brincar de viver e viver lindamente,
Como quem nunca quis morrer lentamente.

Meu rumo, meu caminho

O rumo que leva a vida é o que me leva a qualquer lugar
Quero estar sempre com o vento
Deixar o sonho me levar

Não é utopia pensar assim
não tem manual pra se viver
eu penso porque vivo e sigo assim
encontrando razões pra sobreviver

nado nas lágrimas do que passei
vou pelos campos que nem plantei
sigo o rumo que segue o seguidor

não sou vaga lume mas vejo o caminho por onde vou
sou luz das minhas noites tão escuras
peça sozinha do xadrez que acabou
levo o mundo da maneira que sinto leve
levo o mundo do jeito que vivo e sou

não , não sigo passos de ninguém,
não quero os caminhos traçados por alguém
sou andante, vagando pelo ar
sou viajando e levo a vida só a sonhar

sou alucinado pela graça de viver
não acho graça do lance de morrer
assim vivo a vida com as próprias loucuras
não acho graça dessas coisa de ser normal
sigo o rumo de quem nunca fez seu rumo e nesse prumo
vivo assim porque sou feliz,
portadora de uma felicidade sem igual

Desabafo

Sou mãe, sou filha, sou neta, vizinha, visita, esposa e amante de um e homem só, sou coragem, sensível, forte e frágil, sou rocha e alicerce do lar.

Sou profissional, professora, educadora, dona do lar, dona de tudo sem ter nada portadora da vida de muitas vidas e não sou ninguém.

No mercado de trabalho sou capaz, quando engravidado deixo de ser útil, na dependência do meu ser existem tantos outros seres que é impossível calcular.

Só sou lembrada no dia 08 de março, quando ganho abraços e flores e a mídia vem me homenagear.

Após essa data tudo volta ao normal, meu marido me agride, a sociedade menospreza e você que ouve espera que eu tome uma providência sobre as minhas escolhas e sobre o que semeiei. Sei que não é culpado em que vou dizer não agrado, mas é o que posso falar.

Infelizmente desde que me conheço por gente só viveram para discriminar. Não adianta uma vez por ano maquiagem minha tristeza com um banquete na mesa para mostrar que tenho valor, essas mensagens que aí colocam são a prova de uma tragédia que várias já

morreram para mostrar ao mundo que podemos muito mais.

Não quero piedade, nem quero que me agrade, só quero a você mostrar que somos de uma cultura hipócrita que me defende, mas todos enterram essas frescuras quando me vê na rua usando um traje que a mãe disse para não usar.

Dizem que preciso ser tudo, mas não me dão direito de ser nada além do que a herança social me permite realizar.

Sou somente uma amostra que a vida é uma constância de erros e irrelevâncias que tenho que carregar.

Sou aquilo que você defende em seus discursos que precisa de proteção, mas quando um dos seus vem com suas mãos o meu corpo roçar você simplesmente vira as costas e nada demonstra no que poderia tudo isso mudar.

Você critica o país, mas se esquece e proclama sua satisfação ao me imaginar em sua cama quando na rua estou a passar.

Eu sou mulher e isso não foi minha escolha agora carrego comigo a responsabilidade em ter que ser o que a sociedade quer.

Que direito eu tenho mesmo mostrando com todo o meu empenho que não quero ser o que até agora fui.

Sem direito de escolha peço que você se recolha e pense em todas as vezes que abusou de seu poder machista em tentar algo de mim tirar.

Sou aquela que você saiu do ventre, não vive sem mim, mas não sabe respeitar.

Não sou santa e nem quero ser, o que eu quero é apenas viver sem carregar o que esperam de mim, é melhor não esperar, quero ser feliz sem aos rótulos ter que me acostumar.



Construção da Escola Estadual Professor Stelio Machado Loureiro, década de 1960.

Fonte: Secretaria de Cultura e Turismo de Birigui

Juliana Lumy Kikuti



É estudante do 2º Ano do Ensino Médio da Escola Estadual Professor Stelio Machado Loureiro em Birigui (SP).

Simplesmente acontece

E o amor como todas as coisas do mundo,
acontece.

Traz consigo toda a paz, toda cor
e toda prece.

A paciência torna-se amiga.

A saudade?

Inimiga!

Meus olhos ao avistá-la

brilham com um vasto céu estrelado

e o corpo não se contém de tal emoção,

quando tenho a honra de estar ao seu lado.

Quando a risada dela se encontra com a minha,

tudo soa como a mais bela melodia

e ao vê-la sorrir,

penso que talvez tudo simplesmente acontece

seja daqui dois anos ou duas décadas,

o amor, sorrateiro e sagaz

aparece.

Lucas Rinaldini



Formado em Letras pela Faculdade de Ciências e Tecnologia de Birigui (FATEB), em História pelo Centro Universitário Toledo de Araçatuba (UNITOLEDO), pós-graduado em Assessoria Bíblica pela Escola Superior de Teologia de São Leopoldo (EST) em parceria com o CENTRO ECUMÊNICO DE ESTUDOS BÍBLICOS (CEBI) e pós-graduado em História Cultural pelo Centro Universitário Claretiano de Araçatuba (CEUCLAR). Atualmente atua como Assistente de alunos no Instituto Federal de São Paulo, câmpus Birigui e às vezes escreve alguns contos sem pretensão alguma.

O Fundamento

*Nossa herança nos foi deixada sem nenhum testamento.
René Char*

A cidade de Párvua tem aproximadamente três mil habitantes e o dobro de histórias para contar. Dizem que em cidades assim, cada pessoa deveria ter um gato para cuidar das sete vidas do bichano em vez de cuidar da vida do vizinho.

Pois bem, é em lugares assim que ocorrem fatos muito curiosos, verdadeiros laboratórios sociológicos para pesquisas que só comprovam o que meia dúzia já sabe e reforça a teimosia em se manter ignorante dos outros seis.

Nessa cidade temos uma rapaz chamado Jesus que trabalha numa fábrica de móveis com seu amigo Kefas. Ambos se dão bem, a não ser por algumas divergências não muito graves, pelo menos até o presente dia.

A questão é que Jesus é ateu ou no mínimo não liga muito para as coisas da religião e Kefas é crente fervoroso, um religioso ao pé da letra, mas apesar dessa diferença, os colegas de trabalho não têm problemas de convivência, exceto por algumas investidas de Kefas a fim de converter Jesus.

Dentre essas investidas, houve o dia em que Kefas foi até o setor das serras e “esculpiu” uma cruz para dar a Jesus

que recebeu o presente com gratidão e mesmo sendo ateu, tinha conhecimento de que o Jesus da Bíblia havia sido pregado em uma daquelas. Chegou até a brincar com o ingênuo amigo dizendo se não era um presente meio impróprio considerando o nome que tinha e que o Original havia tido maus momentos em uma daquela. Kefas disse que não, que era um símbolo de salvação.

Em outro momento, Kefas perguntou a Jesus:

- *Irmão, por que te colocaram esse nome tão bonito?*

- *Minha mãe era muito religiosa, meu caro* – respondeu Jesus. Ao que Kefas continuou:

- *Mas rapaiz, e você num acredita no Nosso Senhor?*

- *Ah, Kef, é uma coisa minha. Não sei se você entende.*

- *Você deveria deixar Deus tocar seu coração.*

- *Haha, meu coração não é viola, compadre* – redarguiu Jesus em tom de brincadeira.

Essas eram típicas conversas de intervalos, idas ao banheiro e cafézinho e faziam parte do dia a dia do pessoal do trabalho. Não tinha nada que a rádio peão não noticiava. Dentro de fábricas as notícias correm muito rápido e no dia em que Jesus começou a namorar uma moça, todo mundo já sabia e perguntava detalhes. Muitas vezes as brincadeiras do pessoal eram um pouco pesadas com gracejos sobre a aparência da garota, querendo saber o que já havia acontecido, enfim, assuntos que ocupam boa parte das

conversas masculinas. Menos Kefas que dava conselhos baseados na pureza que deveria haver nas relações entre homens e mulheres.

- Você precisa casar, Jesus. Até quando vai viver em pecado com sua namorada?

Jesus ficou um pouco chateado com esse comentário. É muito comum que pessoas se incomodem quando se diz que elas estão cometendo um pecado ou que estão erradas em algo, pois, no fundo de tudo isso, existe um julgamento e ninguém gosta de juízes da vida alheia.

Em outra ocasião, a fábrica toda ficou meio atordoada com a severidade com que Kefas seguia a Bíblia. Ele comentou, em um desses momentos de intervalo, que quando sua mulher está na época das regras, ela dormia numa rede do lado de fora de casa. Dizia ele: *- Está em Levítico! Não sei bem em qual capítulo, mas meu pastor disse que elas ficam impuras! A Bíblia disse!*

Chegou dezembro e também o aniversário de Jesus e o pessoal da fábrica de móveis tinha o hábito de cantar um parabéns, comer um bolinho e tomar uma tubaína. Kefas fez questão de ficar responsável pelo bolo e lá vinha ele trazendo-o.

Quando Jesus foi cortar o bolo, sentiu que estava muito duro. Pensou que talvez Kefas tivesse errado na receita e não quis fazer desfeita. Colocou um pouco mais de firmeza no corte, que ocorria de baixo para cima obviamente, e eis

que do bolo foi eclodindo, erguida pela faca, rompendo com esplendor o glacê, uma Bíblia dentro de uma embalagem de celofane furta-cor.

Uma surpresa para todos, já que ninguém nunca havia presenciado um bolo dando à luz uma Bíblia. Foi de um simbolismo incrível, de uma criatividade tão admirável quanto assustadora. Depois que cada um pegou um pedaço não muito regular do que sobrara do bolo, Jesus guardou a Bíblia com muito cuidado e prometeu a Kefas que a leria. O amigo religioso tinha um brilho nos olhos que, se não fosse conhecido por ser tão cristão, poder-se-ia dizer que era um brilho satânico.

Enfim, dias se passaram e a rotina voltou à fábrica de móveis de Párdua. E numa bela quinta-feira, Jesus veio procurar Kefas para lhe perguntar algo que lera nas sagradas escrituras provenientes do confeito:

- Amigo, você sempre nos diz que devemos seguir a Bíblia à risca, pois é a palavra de Deus.

- Isso mesmo, meu irmão – respondeu Kefas com sorriso acolhedor.

- Pois li uma parte do evangelho em que diz que se nossa mão peca, devemos cortá-la, pois é melhor entrar no reino dos céus sem uma das mãos do que ir para o inferno e perder o corpo todo.

Kefas olhou bem para Jesus. O sorriso acolhedor já havia se acabado. Estaria o amigo tentando colocá-lo em

dúvida? Seria uma tentação? Como a Bíblia poderia trazer algo horrível assim?

Mas Jesus trouxe marcada a página em que havia lido tal passagem. Na verdade, sua intenção era mostrar a Kefas que não se deve levar tudo tão a sério. Quem sabe assim ele cessaria suas investidas de conversão que ficavam a cada dia mais intensas e também desagradáveis. Tudo pela conservação da amizade.

Kefas leu. Era aquilo mesmo que Jesus havia dito. Tanto o seu amigo quanto o da Bíblia. Ficou atônito. Conferiu a edição. Verificou se de fato era aquela que tinha dado de presente no bolo... Era. Sua dedicatória estava lá com sua assinatura. Continuou atônito. Não piscava. Tinha entrado em choque.

Jesus ainda perguntou o que estava acontecendo. Tentou dar uns tapinhas no rosto do amigo, mas a única reação foi Kefas virar-se e sair andando rumo aos banheiros. Jesus ficou mais tranquilo. O amigo ia jogar um pouco de água fria no rosto para voltar à realidade. Seu objetivo parecia ter sido alcançado.

Dez minutos depois, ouve-se um grito na fábrica toda. É que no caminho dos banheiros também ficava o setor das serras. Todos correram para lá e encontraram Kefas ajoelhado diante das serras ainda ligadas e uma enorme poça de sangue. Kefas havia serrado as próprias mãos.

O desespero tomou conta e todos correram para socorrer o colega de trabalho. Agora quem estava atônito era Jesus. Em poucos minutos a ambulância chegara. O curativo que os colegas de Kefas haviam feito para estancar o sangue serviu para aguentar até a chegada dos paramédicos.

Saindo de maca, Kefas, ainda consciente, olhou para o amigo e disse:

- *Obrigado, Jesus!*

Os demais colegas não entenderam bem. Só Jesus sabia de tudo. Mais tarde, ele relatara o fato repetidas vezes para cada colega que vinha perguntar. Era um martírio, uma agonia. No dia seguinte, a notícia do acontecimento já se espalhara por toda cidade.

A Kefas, mensagens de carinho, de melhoras, cartões com frases de amor e da Bíblia, é claro. A Jesus, olhares raivosos, xingamentos e desprezo. A opinião pública o crucificara.

Quem é culpado?

Chega ele de mansinho
Tenta espiar pela janela
Sente o cheiro, ronca a barriga
Não é pro seu bico, não é pro seu bico!
Sai chorando, com vontade
Barriga roncando, pouca idade
Pouca idade, pouco a perder
Melhor é roubar que perecer
Hora de ir lá
De pegá
De tomá o que lhe é de direito
Deus é que fez! Deus é que fez!
Nada é roubado
É partilha na marra!
Quem nega é culpado
Coitado é de quem...
... o pão é negado.



*Escola Estadual Professor Stelio Machado Loureiro,
década de 2015.*

Fonte: Secretaria de Cultura e Turismo de Birigui



Igreja Matriz.

Fonte: Secretaria de Cultura e Turismo de Birigui



Igreja Matriz, 2015.

Fonte: Secretaria de Cultura e Turismo de Birigui

Luciene Auxiliadora da Silva Brissi



Natural de São José dos Campos (SP), é casada com Deidimar Alves Brissi e tem dois filhos. Cursa Licenciatura em Matemática no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, *campus* Birigui. É co-fundadora da Editora Pindorama e editorial desta obra. Atualmente está desenvolvendo o blog Dialética: www.deidimar.com.br/dialetica.

Bicho Homem

Hoje vi uma jaboticabeira ser derrubada sem dó, sem piedade, sem uma chance de se defender ou mudar de lugar. O que tem na cabeça este bicho homem? Nós somos os únicos bichos que destroem a natureza! Os outros bichos cuidam da natureza, não destroem, sabem que precisam dela para sobreviver, sabem que sem as árvores eles morrem. Nós também! Mas o bicho homem ainda não aprendeu isto

Enquanto uns poucos tentam literalmente salvar o planeta, outros só pensam em dinheiro. Estes ignorantes pensam que cortar árvores, fazer concreto é sempre progresso. O que vão fazer com dinheiro depois que as árvores se forem?

Aquela jaboticabeira, que tinha talvez o dobro da minha idade, vire um monte de carvão, ou talvez simplesmente apodreça em um canto qualquer.

Quantos frutos ela deu? Quantos frutos ela ainda poderia dar? Quantas crianças poderiam subir nela e sentir como é bom pegar uma jaboticaba no pé?

Com a morte da jaboticabeira matamos um pouco de nós. E assim, nesta triste tarde, eu vi nos olhos de uma inocente criança uma lágrima rolar!



*Local onde foi construído o Lago da Raquete,
atualmente Paque do Povo.*

Fonte: Secretaria de Cultura e Turismo de Birigui



Lago da Raquete, 1962.

Fonte: Secretaria de Cultura e Turismo de Birigui

Lu Mota



Lu Mota, Nordestina nascida em Barra do Corda, no Maranhão. Veio para São Paulo em 1979 e para Birigui em 2006. Lu Mota tem na escrita a definição perfeita do que é viver, seguir em frente, degustar e existir. Artista plástica, contadora de histórias, artesã, poeta, autora do projeto Caixote do Saber - que leva livros , arte e leitura onde tiver ao menos um leitor – e funcionária da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

“Viver sem escrever é ter semente sem ter onde semear.” *Lu Mota*

A volta.

A estrada parecia não ter fim. Ora alargava se, ora ficava íngreme. As vezes ladeada por arvores, capim, pés de banana... Frutas conhecidas e outras nem tanto. Havia um universo novo naquele lugar tão belo, quase Santo. Ouvir uma sinfonia de sons no barulho das folhas que cantavam ao se encontrar com o o vento...

Passei debaixo das antigas arvores que agora se agigantavam sobre a estrada de terra. A sombra das arvores se misturavam com a sombra das lembranças vadias que moravam em minha memória. Era difícil olhar para os dois lados e por isso fui devagar, pela beiradinha da estrada para não atrapalhar caso alguém também estivesse passando por ali. Mas não! Ninguém passou e isto me deixou em um estado de solidão permanente que foi se agigantando quanto mais eu me distanciava da Cidade rumo ao meu antigo endereço. Ouvia sons vindos do nada. Ecos de minha infância, retratos de minha solidão. Pedacos de vida tão bem guardados. Quase esquecidos em um cantinho da memória, como em um relicário...

Meu coração foi acelerando, minha respiração foi ficando entrecortada. Olhei para o lado esquerdo, lá na

frente. Ainda bem longe. A distancia parecia aumentar e chegar ali parecia impossível. Parei o carro alguns minutos mas achei que minha eternidade tinha sido vivida ali, naqueles momentos fugidios que meu olhar contemplou minha antiga casa, agora somente uma tapera velha... Mas tão linda. Tão conhecida, tão minha. Encontrar minha casa era como um pequeno riacho desaguando no mar. Perder se como rio para virar oceano... Não sei quanto tempo fiquei ali, inerte diante do mato seco que quase a cobria...

Atravesse lentamente a rua estreita de areia, parei no primeiro degrau do que outrora fora uma escada e agora era somente pedaços de barro ressequido pelo sol e deteriorado pela ação do tempo. O mesmo tempo que me manteve longe daqui. Subi a calçada alta de barro e cheguei na porta larga de madeira velha, desbotada, rachada, quase emoldurada por duas janelas grandes, despencando das paredes rachadas e caindo para dentro dos cômodos da casa, em demonstração clara do desgaste que o tempo e o abandono faz.

A Tapera estava de pé, ladeada por escombros. Mato entrando nas rachaduras das paredes, pareciam me dizer que ali não tinha mais

ninguém. Que tudo tinha partido e se ainda restava algo daquele lugar, devia ser apenas saudade no coração de alguém. Sim no meu coração! E quanta saudade... Uma saudade dessas que dói só de imaginar a dor. Dessas que desaguam em nossos olhos de maneira incontida, como correnteza depois de um remanso. Da frente dava para ver lá no quintal, o pé de caju que nos deu tantas vezes o alimento que nos salvou da fome. Comíamos não por ser exótico ou nutritiva e sim porque a morte da fome só encontrava guarida naqueles galhos tortos cheios de maturís que na pontinha de sua extremidade carregava deliciosas castanhas....

Abri a porta lentamente segurando a para não despencar. Entrei pisando no chão ressequido e cheio de rachaduras... Caminhei pelo lugar que antes era o caminho do quarto... lá não tinha porta, só o portal... Pus a cabeça naquele lugar cheio de teia de aranha e fiquei ali. Paralisada! A lembrança era muito viva, a memória doía, a saudade dos meus, dos dias vividos ali... Meu corpo estremeceu de dor e saudade. Amparei meu corpo numa escora que tinha no canto segurando a parede...ouvi:

Fui na Espanha, buscar meu chapéu, azul e branco, da cor daquele céu....

*Olha palma, palma, palma,
Olha pé, pé, pé,
Roda, roda caranguejo, caranguejo peixe é.
Caranguejo não é peixe, caranguejo peixe é.
Caranguejo só é peixe na enchente da maré.
Samba crioula, que vem da bahia,
Pega a criança
E joga na bacia.
A bacia é de ouro, areada com sabão,
E depois de areada, enxugada com roupão.
O roupão é de seda, camisinha de filó,
Sapatinho de veludo para quem ficar vovó...
_Foi você, você ficou vovó.
-Bença* vovó, Bença* vovó...
-não, não fiquei! Vocês sempre me deixam...
Sentei me no chão ainda molhado da chuva que
tinha caído de tarde e meu olhar alagado de lágrima se
confundiu com a chuva que voltava fininha... Caminhei
rápido para minha casa e no caminho pensava; Porque
todos tem janta, roupas, brinquedos? Porque eu não
tenho um caderno, um livro? Queria ler... Queria
escrever...
-Mãe! Mãe! Já cheguei...*

-Sim, vá lavar os pés e se deitar. Cuidado! Não vá bater nas coisas. Não tem querosene e por isso já apaguei a lamparina, mas venha logo. Deite em sua rede.

-Já vou mãe.

- Já vou dormir...

Puxei o pano que servia de porta, entrei tateando a rede dos meus irmãos, achei minha rede do lado da cama de minha mãe. Junto com ela meus dois irmãos mais novos. Não tinha rede para todos...

Deitei- me e fiquei ali no escuro, passando o pé na costura dos remendos da rede...

Ave Maria cheia de graça, o Senhor é convosco. Bendita sois vós entre as mulheres e Bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus...

- Bença mãe!

- Deus te abençoe.

Dormi como dormia quase todas as noites de minha infância, sem luz, sem roupa, sem livros... Sem comida. Dormia só para sonhar com a vida longe dali . Distante da fome.

Abri os olhos marejados de lágrimas. Uma saudade latente rasgava meu peito. Já estava quase tateando pelos cantos da casa de tanta dor de saudade

e de tantas lembranças tão vivas, gritando em meu ouvido e trazendo um burburinho de sentimentos que eu não conseguia identificar... Na tentativa de respirar segui rumo a antiga cozinha. O fogão de barro continuava ali. Estático. Como se alguém tivesse atravessado a rua e ido na casa da vizinha pedir açúcar emprestado. Teias de aranha em suas rachaduras que pareciam tanto com minhas lembranças. Olhei o peitoral e por momentos senti uma presença suave, uma brisa cheirosa como mato verde, como folha arrancada do talo... Era o cheiro do meu pai... Fechei os olhos.

-Fia, fia. O pai chegou! Venha cá puxar as perneiras do pai.

-Já vou...

Corri e puxei as pernas da calça de couro que os vaqueiros usam para se proteger dos espinhos quando vão campear.

Puxei, puxei e enfim consegui. Pulei no colo do pai, que me encheu de xeros e de cócegas na barriga gordinha e branquinha.

-Pai, o que você trouxe para mim?

-Hoje eu trouxe Tuturubá.

-Eba! Que bom! Tão madurinho?

-Sim, estão no ponto.

-Deixe eu pegar pai, deixe. Disse isso e já fui colocando a mão no gibão da camisa de couro que fazia par com a perneira. Enchi a mão com os frutos.

Tuturubás amarelinhos, gostosos... E o cheirinho de folhas no gibão.

-Pai onde você encontrou esses tuturubás? Já tá no tempo? Porque não trouxe pequi ?

-Não tem pequi ainda minha filha. O tempo de pequi ainda vai demorar. Vai lá, divide as frutas com seus irmãos.

-Mãe, mãe, chame os meninos, o pai trouxe tuturubá. Olhe como estão bonitos. Vou chama os meninos.

-Vai, eles estão lá na cozinha...

Segui pela velha cozinha e tateei as paredes como se elas pudessem me devolver as pessoas que ali viveram dias comigo. Meus irmãos que dividiram dias de tanta tristeza sofrimento causados pela fome, e tantas brincadeiras típicas de irmãos que se amam e se irmanam na alegria e na dor.

Subi dois batentes e encontrei-me na sala dois degraus acima da cozinha. A falta de porta era como um convite para eu entrar. E eu entrei! Devagar, quase tateando, buscando meus retrato desenhado nas

rachaduras das paredes que já não suportavam mais os gomos de barro. Acho que não era só o peso do barro, junto com os torrões, também o peso da saudade. No canto esquerdo, escondidinho estavam ainda os restos de alguns nomes que riscávamos quando o barro estava fresco. As letras estavam caindo com os torrões de barro. Vi três letras de um nome, as letras denunciavam o nome. Ao lado delas, disforme, um coração denunciando um amor retratado. O coração estava aos pedaços, como o meu.

Olhei bem as letras, passei meus dedos no coração, apalpei a parede fria, não me contive e chorei.

-Eu vou embora, mas não se preocupe, eu volto. Virei te buscar e nunca mais nos separaremos. Ficaremos juntos para sempre...

-Eu sei, prometo te esperar por todos os dias de minha vida. Já nos pertencemos e jamais seremos completos separados...

-Adeus.

-Até daqui alguns dias...

Nos emaranhados de madeirinhas finas e cipó quase nada mais restava. Era somente uma tapera me levando a um tempo de passado tão longínquo porém, tão vivo batendo ali no meu peito, e na janela

despencada que pendia para o lado onde o sol me permitia ver o pé de manga.

Olhei entre as folhas da mangueira rumo ao céu azul. Flashes de minha vida caíam entre aqueles galhos que outrora me serviram de sombra.

-Nasceu, é uma menina linda.

Filha, Deus vai te abençoar por todo o sempre.

- Grávida? Não acredito! Eba..

-Bebe lindo do papai.

-Um dia voltaremos lá.

- Como? Não! Diga que não é verdade! Eu não quero viver só. Não posso...

Tudo ficou escuro, tudo rodou.

Ouvi passos e foi doloroso voltar a realidade de estar ali vivendo aquelas emoções e ter que me despedir de novo.

Voltei ao presente e desde então aquelas memórias estão em um lugar sagrado; dentro do meu coração.

Casa Comum.

Tem noites que vivemos de novo, as madrugadas
preñas

de dias que foram abortados antes de amanhecer.

Dias remendados com pedaços de sonhos,
guardados no papel de embrulho

do pão que ficou sobre a mesa que nos aguardava para
o café familiar.

O desjejum da comunhão entre os nossos.

Na nossa casa comum.

Outrora repleta de sonhos.

Que hoje guarda em seus escombros
apenas a saudade.

Caos no rodoviária

...Desembarquei e o burburinho me ensurdecia. Era tanta gente indo e vindo. Andado de um lado para outro como se a busca incessante estivesse sempre do lado contrário as outras pessoas. Gente carregando malas enormes, sacos cheios de todo tipo de bagagem. Um caos enlouquecido. Informação demais para quem nunca tinha saído de uma pequena Cidade do interior.

São Paulo. 1979. Frio. Medo. Uma menina com outra menina, No colo! Mãe e filha perdidas na multidão de uma rodoviária lotada de pessoas que se aglomeravam no dia de Natal. 25 de Dezembro...

O medo de não ser encontrada naquela multidão me trazia arrepios que dificilmente eu saberia se era do frio ou de ansiedade. Afinal era dezembro e nessa época do ano o clima é mais quente. Eu ainda não sabia que o clima em São Paulo é variável e pode fazer frio, calor e ate gear em um único dia. Mesmo em Dezembro. Mesmo no dia 25 de Dezembro.

Era Natal, mas eu nem entendia que era a maior festa do ano. Não sabia que essa data era tão significativa. Lá na minha pequena cidade eu apenas

conhecia esse dia como o dia que tinha A Missa da Meia Noite. E que nesse dia os jovens usavam roupas e sapatos bonitos para passear na Praça da Matriz. Mas eu não pertencia a esse mundo. Não tinha a roupa e nem os sapatos, nem novos e nem velhos ... Eu não tinha sapatos!!

A multidão caminhava enlouquecida uns chamando os outros como se estivessem sempre atrasados. Mães carregavam crianças de colo. Como eu.

No meu colo minha filha assustada, como eu. Devia pressentir que estávamos sós em um mundo que não era o nosso. Em uma Cidade que nunca tínhamos visto a não ser na televisão que um dia vimos na janela da casa e uma família que morava do lado da Praça da Matriz. Janela grande, aberta. Por ela eu vi uma Tv enorme, de madeira marrom, cantos arredondados. Imagem preto e branco. Atores que eu já tinha visto nas revistas que minha tia escondia de mim e eu lia escondido no quarto de guardar farinha, da casa do meu avô. A Imagem era chuviscada mas eu achava que era normal, afinal eu nem sabia mesmo o que era aquilo. Só sei que me deixou encantada. Era como se

o mundo estivesse ali, naquela TV. Dentro de mim eu falei: Um dia vou morar nessa Cidade. Era Sampa!

Os transeuntes continuavam o vai e vem descontrolado. Todos tinham pressa. Todos buscavam por amigos, parentes ou algum rosto conhecido. Uns chegavam assustados como eu. Outros buscavam assustados os seus que ainda não haviam chegado. Olhava aquelas pessoas e meu pensamento me levava em flashes contínuos para as coisas que eu deixei. No meu colo minha filha dormia indiferente ao caos e ao frio. Coberta com um lençolzinho branco que lhe aquecia o corpo.

Lembrei do meu irmão chorando copiosamente na minha despedida da Cidade. O ônibus corria e em cada curva de rua estreita, estava meu irmão me dando tchau e chorando. Como doía o choro do meu irmão ao despedir-se de mim. Aquele choro ainda ecoava em meus ouvidos. Um abraço apertado entre soluços entrecortados por palavras de carinho. Meu irmão...Meu irmão...Meu irmão....

Comecei a ficar ansiosa e o nervosismo já estava aparente. Era muita informação para um olhar acostumado a calma. Abraçada a minha filha era difícil cuidar de malas, sacolas e bolsas. Sentei-me em um

canto e lá fiquei por eternidades contadas em exatos noventa minutos... Nessa hora e meia veio toda minha existência em minha memória.

- Uma casa perto do rio, ladeada por árvores grandes. Quintal sempre varrido, um caminho que termina no rio... Crianças desciam correndo e se jogavam no rio de águas limpas e claras, de correnteza. Crianças, Curumins...

Misturavam se na dança que a correnteza impõe a quem quer equilibrar se em um único lugar na água...

As crianças subiam no enorme pé de Ingá e pulavam virando pirueta até cair na água e ver a cascata de pingos que saiam da correnteza. Era um espetáculo.

Na rodoviária as pessoas continuavam a busca que mais parecia uma dança, um ballet em um teatro mágico onde a modernidade dos passos quase se chocam, mas sabem desviar se de todos que se trombam no palco da procura pelo outro....Via aquelas pessoas e não conseguia parar de pensar; porque correm tanto? Porque não andam devagar? Demorei muito a entender que em Sampa tudo tem pressa, tudo tem que ser rápido, tudo precisa ser pra ontem.

Minha filha abriu seus grandes olhos pós sono, parecia que me indagava onde estávamos. Eu sentia que ela me perguntava do pé de manga onde ela dormia em sua redinha nas manhãs após o banho na grande bacia de alumínio. Parecia que me perguntava sobre os tios que não á deixavam um minuto e alegravam se com suas risadinhas de bebe. Cabelinho ralo, típico dos bebes. Dei lhe o brinquedinho que trouxemos durante os três dias de viagem para que se entretece. Ela pegou, esboçou um sorrisinho pálido e continuou seu sono inocente.

Já fazia uma hora que eu estava ali, sentada no mesmo cantinho, imobilizada pela falta de alguém para cuidar do meu bebe enquanto eu fizesse algo. Não podia soltar o meu bebe. Lembro de minha mãe sempre dizendo; Não saia nunca de perto da sua filha, não deixe com estranho, se alguém vier falar com vocês não converse muito. Olhe que estão roubando crianças...

Essas lembranças confrontada com a realidade dos transeuntes que disputavam palmo a palmo aquele espaço iam me tirando o fôlego. E se ninguém fosse me buscar? Se eu ficasse ali esperando e nunca fosse encontrada? Levantei-me na intenção de ser

vista, de ser enxergada por quem me procurasse. Deixei minha filha deitadinha em cima da mala, indiferente ao caos.

Abri a bolsa verde, peguei um papel, li o endereço ali escrito. Fiz sinal para um taxista que passava com uma sacola grande na mão. Ele parou e eu lhe perguntei sobre o endereço. Disse que conhecia, que nem era longe.

Esqueci dos conselhos de nunca falar nada para ninguém e disse lhe que estava com medo porque ainda não tinha encontrado a pessoa que ia me buscar. Ele respondeu indicando um lugar e me disse que se a pessoa não chegasse, ele estava ali, do outro lado da rua e que era só fazer um sinal que ele viria buscar minhas coisas e me ajudar, e que o endereço era fácil.

Fiquei mais tranqüila, mas ainda apreensiva. Ao guardar o papel com o endereço encontrei um envelope. Nele uma carta escrita com uma letra bonita.

Passei os olhos nelas e li algumas frases meio soltas.

- Quando chegar me espere e não tenha medo. Eu estarei te procurando. Não saia do lugar do desembarque. Estou ansioso para conhecer nossa

filha que eu já amo mais que a minha vida. Assim como amo você. Até daqui uns dias. Boa viagem e venham com Deus!!!

Respirei e uma alegria gostosa esquentou minha manhã fria. Senti uma leveza que me resgatava do peso do medo de estar só.

Olhei longe e vi um rosto conhecido, querido. Um rosto amado! Não dava para precisar quanto tempo ficamos separados. Só sabia que agora estava ali na minha frente e eu já não era uma menina. Era uma mulher, uma menina mãe de outra menina. Perdemos a voz porque não tinha o que dizer, não podia falar. Tínhamos tantas palavras para serem ditas! Tanta historia para contar...

Viagem, gravidez, parto, trabalho, caminhos, vidas, choro de criança, caos, medo, solidão, angustia, fé, procura, família, abandono...

Ele se abaixou, chamou nossa filha pelo nome e disse; Filha, é o papai. Ela riu um risinho tímido. Ele a pegou no colo e ficaram abraçados por eternidades. Sentindo a emoção do momento abracei os também. Não sei quanto tempo durou aquele abraço. Mas a partir dali eu sabia que não estaria mais sozinha.

Multidão, malas, sacolas, taxistas, carros, barulho,
vai e vem de pessoas, café amargo, crianças,
lembranças, medo, solidão.

Rodoviária do Glicério.

São Paulo.

25 de Dezembro de 1979.

“Se eu partir”

Se eu partir agora, nada levarei comigo. Nem meus livros, meus discos.

Nada! Ficarão jogados pela casa como retrato de um passado sem valor, já que parti.

Se eu partir, nada direi. Deduzirão depois que eu for, que eu era alegre, risonha, feliz...

Deduzirão... Mas não saberão. Afinal, de cada um, somente ele próprio sabe.

Se eu partir lembrarão de mim pouco tempo, porque a vida passa sorrateira. Tão corrida que em poucos dias nada do que fui existirá. A vida corre rápido e só o que fui levarei comigo.

Se eu partir, e eu partirei, como partiremos todos um dia, rumo a algum lugar, ficará em minha casa só a poeira no espelho do quarto que um dia serviu de alento ao meu corpo depois dos dias de trabalho ou do descanso feliz dos dias que dividi risos com os meus.

As lágrimas serão esquecidas quando eu partir. Nem mesmo o lençol molhado das lágrimas de saudade permanecerá. Este secará, como secarão

também as flores na garrafa de água mineral que foi bebida em noite de ressaca.

Os meus retratos, todos eles! Ficarão amarelados dentro de livros com folhas amassadas quando eu partir...

Nada permanecerá quando eu partir. Tudo seguirá o curso livre sem mudanças visíveis. As flores continuarão colorindo as primaveras e o inverno permanecerá cheio de saudade. O outono permanecerá com suas folhas na calçada e o verão trará o sol e seu colorido.

As estrelas rasgarão o céu e se jogarão no mar quando eu partir, mas essa já é a rotina corriqueira e banal da festa de encontros entre céu e mar.

Quando eu partir tudo caminhará como sempre. Só que, sem mim, porque eu já estarei caminhando em outro lugar, com outras pessoas e outros sonhos.. Talvez em outro plano.

Tudo mudará, somente o meu amor permanecerá intacto quando eu partir.

Somente a saudade de ti continuará grudada em cada lugar por onde passei rasgando meu peito de vontade de encontros. Vontade de nossas vidas juntas, outra vez, só por um minuto. Um minuto apenas! E o

que é um minuto? Que movimento vital eu poderia viver em um minuto? Dizer que te amo? Não! Isso tu já sabes como sabes tudo em mim que sou tu mais que eu mesma...

Quando eu partir somente o nosso amor continuará vivo, porque em qualquer lugar eu irei te amar. Mas as outras coisas e pessoas, estas continuarão, sem ti e sem mim porque quando eu partir é porque fui ao teu encontro.

Solidão

Estou aqui só,
e tu não estás comigo.
Habitas em um lugar que não posso ainda.
Um lugar que ainda não me cabe.
Mas nosso amor rasga vidas,
atravessa oceanos,
banha cais, praias, ribanceiras.
Nosso amor atravessa eternidades
só para dormis entre nós,
na nossa casa.
Entre fotografias amareladas
no porta retrato com vidro trincado.
A fotografia te traz na saudade
e a dor bate na porta.
Não pede licença, entra!
Domina tudo e diz teimosa,
que não partira.
Nosso amor se contempla no espelho
que outrora guardava nós dois.
E não tem jeito, choro.
Porque sem ti tudo é frio.
Sem luz, sem vida.

Sem ti só resta a saudade
que domina tudo em minha casa
que já não te serve mais de morada
porque tu já moras em minha vida.
E de dentro dela virastes eternidade
Como nosso amor.
Eterno em ti e em mim.
Eterno em nós.

Teu retrato.

O teu retrato ficou guardado,
como pedaço de papel dentro de livro
muitas vezes folheado.

O teu retrato ainda mora em meus olhos,
na retina!

Ainda baila pela casa,
se misturando com os móveis,
com o cheiro,

com a cama com colcha de retalhos.

Teu retrato é cópia fiel do que fomos um dia
e dos pedaços de vida que vivemos.

Teu retrato esta em meu sangue
deslizando em minhas veias.

Tecendo sonhos em meu sono.

Teu retrato se estatela em meu existir
como se fora dono.

Sim! És dono!

Teu retrato está tatuado em meu corpo,
como marca indelével de tudo que somos.

O teu retrato está no espelho
quando me olho.

Porque teu retrato sou eu.

Eu sou Você

Eu sou você.

Eu sou à sombra do nosso retrato

Pendurado na parede rachada.

Esse pertencimento me domina.

Comove meu existir que tão pouco ou nada é sem ti.

Eu sou você nas tardes frias e nas madrugadas
roubadas.

Nas noites vadias

Quando mariposas ensandecidas se jogam

na janela do meu quarto

procurando o reflexo da luz do poste

no espelho.

Eu sou tudo que tu és,

porque és o que há de melhor em mim.

E não importa onde estejas.

Sei que me esperas com lamparinas acesas

para guiar minha chegada.

Assim como minha porta

que esta sempre aberta

para você entrar sem bater... Eu sou Você

Eu sou você.

Eu sou à sombra do nosso retrato

Pendurado na parede rachada.
Esse pertencimento me domina.
Comove meu existir que tão pouco ou nada é sem ti.
Eu sou você nas tardes frias e nas madrugadas
roubadas.
Nas noites vadias
Quando mariposas ensandecidas se jogam
na janela do meu quarto
procurando o reflexo da luz do poste
no espelho.
Eu sou tudo que tu és,
porque és o que há de melhor em mim.
E não importa onde estejas.
Sei que me esperas com lamparinas acesas
para guiar minha chegada.
Assim como minha porta
que esta sempre aberta
para você entrar sem bater...



Parque do Povo, 2015.

Fonte: Secretaria de Cultura e Turismo de Birigui



Paço Municipal, 1940.

Fonte: Secretaria de Cultura e Turismo de Birigui



Paço Municipal, 2015.

Fonte: Secretaria de Cultura e Turismo de Birigui



Praça Raul Cardoso, atual Praça Dr. Gama, 1940.

Fonte: Secretaria de Cultura e Turismo de Birigui



Praça Raul Cardoso, com coreto e vista para Igreja Matriz, atual Praça Dr. Gama, 1950.

Fonte: Secretaria de Cultura e Turismo de Birigui



Praça Dr. Gama, 1961.

Fonte: Secretaria de Cultura e Turismo de Birigui



Praça Dr. Gama, 2015.

Fonte: Secretaria de Cultura e Turismo de Birigui



Vista Geral de Birigui, 1940.

Fonte: Secretaria de Cultura e Turismo de Birigui

Mauricio Chichineli Junior



Mauricio Chichineli é estudante, blogueiro e youtuber. Aos 20 anos, se inspira em ícones da literatura infanto juvenil e personalidades da web para produzir seus textos. Mauricio acredita que a adolescência é uma das fases mais importantes da vida, pois este é o último período antes da vida adulta, contribuindo para formação do ser humano. Por isso, dedica-se a produzir conteúdo na esperança de ajudar os jovens a resolverem seus problemas.

O que é humanidade?

O que é humanidade? Se levarmos ao pé da letra, são características da natureza humana. Mas, esta palavra quer dizer mais que isso, popularmente quer dizer bondade, amor, piedade. Nós entendemos que na teoria o ser humano é alguém bom, mas sabemos que a pratica foge muito disso.

Todos os dias, milhares de pessoas fogem de países como a Síria, Afeganistão, Iraque e Líbia em busca de abrigo e melhores condições de vida. Partem para a Europa querendo se ver livres da guerra, morte, fome e da miséria, mas acabam encontrando, por vezes, **ódio e preconceito**.

A famosa xenofobia, ódio ao estrangeiro, é muito comum nos países da Europa, onde as pessoas tem medo que os imigrantes ameacem sua economia e base religiosa. Mas, o momento atual pede que a humanidade acenda nos corações dos europeus, para receberem aqueles que pedem socorro.

Trazendo isso para o nosso Brasil, te pergunto: **você está sendo humano com seus irmãos?** Vivemos em um país desigual, preconceituoso e

hipócrita, onde os habitantes tapam o sol com a peneira e fingem que está tudo bem.

Por isso eu vos falo, olhem para dentro de vocês, ajudem aqueles que precisam. Parem de zombar das minorias, prestem auxílio, ajudem a causa, sejam irmãos. Doem suas roupas, sejam simpáticos com os outros, ajude sua família, seja humano.

A maldade pode corromper o homem, muitas vezes se instala em nossos corações sem que a percebamos. O mundo muitas vezes nos mostra o pior das pessoas, mas é diante de tantas tragédias que digo: lembre do amor que vive em você, **leve-o além de um post nas redes sociais**, traga a bondade para sua vida.

Como você estará em 10 anos?

Quando você tinha 10 anos, como imaginava a vida aos 20? O seu "eu" do passado se identifica com seu "eu" de agora?

Eu sinceramente esperava uma vida glamourosa aos 20, achava que teria um super emprego, um belo namoro e que me faltaria poucos sonhos para realizar.

Com o tempo percebi que a vida não acontece na velocidade que imaginamos, e as coisas tendem a ser diferentes dos nossos planos.

Quando era criança, detestava tatuagens, abominava bebida alcoólica, era um tremendo "**certinho**", brigava com meus amigos quando eles apertavam a campainha da vizinha e corriam. Hoje, tenho 6 tatuagens, cansei de me embriagar por ai, e fiz coisas piores do que fugir dos vizinhos irritados.

Quando o *time* da mudança acontece? Quando foi que nos transformamos **em alguém completamente diferente** do que imaginaríamos ser?

Hoje com 20 anos, estou me imaginando aos 30, pensando se vou quebrar a cara com os meus sonhos

de novo, ou se em dez anos vou conseguir chegar lá. Estou disposto a lutar pelas minhas crenças, para que meu "eu" de agora sinta orgulho do "eu" do futuro.

Pense: a criança que você era se orgulha do adulto que você é? E o adulto que você é, se orgulhará do idoso que você vai ser? **Se a resposta destas perguntas forem negativas**, não se desespere, muitas pessoas, inclusive eu, estão nesta situação, só não podemos permanecer.

Anote seus sonhos e tente buscá-los, **com ou sem apoio**. Cansei de deixar a vida passar por mim, e daqui 10 anos, quero estar escrevendo um texto de orgulho para a pessoa que me tornei.

Paulo Ricardo Bernardes Lopes



Técnico em Administração; graduando em Psicologia e representante da Congregação de Alunos da FEA. cursou EAD em Ações Culturais pelo SisEB. Coordenador de Ações Culturais da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo; Conselheiro do ConseCult. Compôs a Comissão de Sistematização e Redação do Plano Municipal de Cultura de Birigui para o decênio 2016/2026. Integrante do Núcleo de Artes Cênicas do SESI-SP. Educador-Universitário no Programa Escola da Família. Participa dos Fóruns do Comitê da Cultura de Paz da Alta Noroeste Paulista (Associação Palas Athena / UNESCO) desde 2013.

O espaço do saber em transitoriedade

A contemporaneidade traz avanços e, ao mesmo tempo, se mostra repleta de desafios a serem superados. Dessa forma, a biblioteca tem papel preponderante na superação de desigualdades sociais e intelectuais no que tange a sua forma de estar na sociedade, onde a criatividade e o dinamismo promove uma ruptura com o padrão tradicional, fazendo emergir a Biblioteca de/para/com a comunidade. Embasados nesse conceito, é salutar que as pessoas que frequentam o espaço do saber se envolvam de forma democrática do planejamento de suas ações, tornando-se protagonistas de uma participação cidadã, inovadora e transformadora.

Para promover a participação, a comunidade precisa ser reconhecida e acolhida na sua diversidade, ampliando espaços de diálogo, que potencializa e empodera as pessoas que dele se apropriam, tornando-os referência em suas vidas. Portanto, o empoderamento das pessoas garante a participação efetiva de uma comunidade que se

articule de forma prática, por meio de ações, parcerias e projetos em prol de uma Biblioteca Viva.

Compreendendo que “A essência da existência humana é existir em pluralidade, e não em si mesma, uma vez que ela pertence a um mundo circundante, com sua estrutura referencial de utensílios e com a co-presença dos outros” (LANTERI-LAURA, 1965), a Biblioteca Contemporânea tem a missão de potencializar a vida e as visões de mundo nos diferentes encontros, bem como, o objetivo de desenvolver ações que valorizem a identidade local, onde a pessoa saiba se reconhecer em sua singularidade, perante a diversidade das múltiplas maneiras de ser e estar.

Nesse sentido, a biblioteca tem o dever de fomentar o diálogo entre as manifestações culturais existentes na comunidade, por meio da articulação entre os saberes e as formas de organização. Sendo assim, amplia a interlocução sobre as mais diversas sociedades, multiplica a sua gama referencial e reconhece outras culturas em sua integralidade, ou seja, uma atitude de inclusão, promoção e fortalecimento das produções humanas. Assim sendo,

cumpre com o seu papel na formação de cidadãos que respeitem, valorizem e aprendam com as diferenças.

LANTERI-LAURA, G. **PSIQUIATRIA FENOMENOLOGICA: Fundamentos Filosóficos.**
Buenos Aires: Troquel, Biblioteca El Tema del Hombre, 1965. 264 p.



Rua Conselheiro Antônio Prado, 1938.

Fonte: Secretaria de Cultura e Turismo de Birigui



Rua Conselheiro Antônio Prado.

Fonte: Secretaria de Cultura e Turismo de Birigui



Rua Conselheiro Antônio Prado, 2015.

Fonte: Secretaria de Cultura e Turismo de Birigui

Rafael Henrique Bernardes



Rafael Henrique Bernardes nasceu em Birigui em 21 de novembro de 1996. É estudante de psicologia, amante das artes e, nas horas dilemáticas, escreve e toca violão.

Quente como um café
na avenida,
avenida qualquer
que lembre teus passos
rumo ao meu lar.

Finício

E foi em um virar de costas que minha história começou.

um ponto final no início da oração,
praticamente
felizmente
finalmente.

Renan Luis da Silva Gonçalves



É estudante do 1º Ano do Ensino Médio da Escola Estadual Professor Stelio Machado Loureiro em Birigui (SP).

Sorte das flores

“Nem todas as flores têm a mesma sorte
Umam enfeitam a vida, outras a morte”
assim dizia, ou até diz um grande poeta
não sei, não o conheço
mas essa frase sei que não é lorota.

A vida é bela
nós que acabamos com ela
infelizmente essa é a realidade
dentro desse país cheio de maldade.

Ore por apenas mais um Senhor do Bonfim,
pois está difícil viver assim
bandidos matando,
mães chorando e orando
enquanto políticos estão festejando
e a nossa vida nas mãos do comando.

E por isso
nem todas as flores tem a mesma sorte
umas enfeitam a vida, outras a morte.

Tatiane Numata Harada



É estudante do 2º Ano do Ensino Médio da Escola Estadual Professor Stelio Machado Loureiro em Birigui (SP).

Natureza

Oh! Natureza tão bela!
Tem seu verde infinito,
Seus plantios coloridos,
Seus segredos chamativos.

Tão bela, infinita, colorida e chamativa
que sorte dela,
ter tudo isso na terra,
e o céu inteiro para ela.

De dia o céu é tão claro,
se compara ao rio,
se compara ao riacho,
de noite é azul escuro,
mas claridade contém
sorte que tem as estrelas
e a lua também!

